

MADAME PARA UNS, SATÃ PARA OUTROS:  
UMA LEITURA DO CORPO MARGINAL EM  
MADAME SATÃ (2002), DE KARIM AÏNOUZ

**Diego Aparecido Cafola**

Turismólogo graduado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana; discente do curso de História na mesma instituição. Docente da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul.  
e-mail: [cafoladiego@gmail.com](mailto:cafoladiego@gmail.com).

CAFOLA, Diego Aparecido. Madame para uns, Satã para outros: uma leitura do corpo marginal em Madame Satã (2002), de Karim Aïnouz. *albuquerque* – revista de história. vol. 7, n. 14. jul.-dez./2015, p. 121-141.

**Resumo:** Os grupos hegemonicamente instalados na sociedade brasileira têm definido o que é aceitável para si e para os demais indivíduos, como a branquitude, a riqueza, a heterossexualidade, a cisgeneridade. Houve/há, porém, sujeitos que não possuem tais características e que, por isso, têm sido marginalizados, excluídos, violentados. E cada um responde e/ou resiste de alguma maneira a isso. Madame Satã foi um sujeito plural, complexo e ambíguo, de muitas características (negro, pobre, homossexual e malandro), sendo um sujeito observável aqui por um viés interseccional. O filme *Madame Satã* (2002), de Karim Aïnouz, é aqui utilizado como fonte e objeto para realizar a análise deste embate entre o os setores hegemônicos de nossa sociedade e o sujeito desviante.

**Palavras-chave:** Estudos Gays, Lésbicos e Transgêneros; João Francisco dos Santos/Madame Satã; Interseccionalidade.


**Abstract:** Os grupos hegemonicamente instalados na sociedade brasileira têm definido o que é aceitável para si e para os demais indivíduos, como a branquitude, a riqueza, a heterossexualidade, a cisgeneridade. Houve/há, porém, sujeitos que não possuem tais características e que, por isso, têm sido marginalizados, excluídos, violentados. E cada um responde e/ou resiste de alguma maneira a isso. Madame Satã foi um sujeito plural, complexo e ambíguo, de muitas características (negro, pobre, homossexual e malandro), sendo um sujeito observável aqui por um viés interseccional. O filme *Madame Satã* (2002), de Karim Aïnouz, é aqui utilizado como fonte e objeto para realizar a análise deste embate entre o os setores hegemônicos de nossa sociedade e o sujeito desviante.

**Key-words:** Estudos Gays, Lésbicos e Transgêneros; João Francisco dos Santos/Madame Satã; Interseccionalidade.

Nasci para ter vida de malandro e vou levar é rasgada!

João Francisco, *Madame Satã*, 2002.

## Introdução

s sexualidades fora da heteronormatividade, assim como as expressões de gênero distintas do padrão binário homem/masculino e mulher/feminino, chamado aqui decisnormatividade<sup>1</sup>, têm sido objeto de rechaçamento dos núcleos de poder estabelecidos em nossa sociedade. Agregar essa questão à construção das desigualdades pautadas na raça/etnia e na classe em um país fundado no escravismo e na manutenção do modo de produção capitalista em suas várias facetas, como é o caso do Brasil, serve para nos auxiliar a compreender como se constroem, nestas plagas, as diferenças e, ao mesmo tempo, como elas são transformadas em fator de violência, segregação e eliminação. Tais questões originaram-se no projeto de pesquisa *Homossexualidade & Homofobia, Representações & Mídia no Brasil contemporâneo*<sup>2</sup>, materializadas no Plano de Trabalho do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica intitulado *Homossexualidade & Marginalidade: uma leitura de Madame Satã (2002), de Karim Aïnouz*.

---

<sup>1</sup> LANZ, Leticia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014, p. 11-17.

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa coordenado por Miguel Rodrigues de Sousa Neto, docente do curso de graduação em História do Campus de Aquidauana da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ligado ao Universo Dialógico - Grupo de Pesquisa em Cultura, Política & Diversidade, e desenvolvido no Laboratório de Estudos em Cultura & Diversidade, Política & Sexualidade - LabDiS.

A obra que nos auxilia no desenvolvimento da presente pesquisa é intitulada *Madame Satã*<sup>3</sup>, filme brasileiro do diretor Karim Ainouz<sup>4</sup> lançado no ano de 2002. Caracterizado como filme biográfico e drama, possui aproximadamente 100 minutos de duração e ganhou vários prêmios no Brasil e no exterior. O diretor nos leva, por meio do filme, até o Distrito Federal do Brasil - na época, a cidade do Rio de Janeiro - no transcorrer da década de 1930, um período em que o estado brasileiro se encontrava em busca de desenvolvimento. Mais precisamente, o diretor nos oferece sua representação da Lapa, bairro que ficou conhecido por sua boemia, e nos apresenta a uma parte da vida de João Francisco dos Santos, perpetuado na história da boemia daquele bairro, e da própria cidade, com o nome de Madame Satã.

O protagonista da trama, João Francisco, interpretado pelo ator Lázaro Ramos<sup>5</sup>, vive um homossexual negro de origem nordestina, nascido quase como escravo. Pobre, ex-presidiário, pai de família e malandro, João sonha em ser um artista famoso,



Pôster do filme *Madame Satã* (2002), de Karim Ainouz. Disponível em <http://filmow.com/madame-sata-t1846/>, consultado em 21 de julho de 2015.

<sup>3</sup>O filme tem roteiro de Karim Ainouz, Marcelo Gomes, Sérgio Machado e Mauricio Zacharias, e fotografia feita por Walter Carvalho, que também produziu o filme. Ainouz conquistou fama internacional e nacional graças a este filme, que foi seu primeiro longa-metragem a circular nos festivais internacionais para, depois, chegar às telas brasileiras. No Brasil, ele foi exibido com mais frequência nas salas de exibição do eixo Rio-São Paulo e, posteriormente, nas cidades do interior próximas às capitais destes estados.

<sup>4</sup>Nascido em Fortaleza-Ceará, mudou-se para Brasília para estudar arquitetura, depois para Paris, onde continuou seus estudos. Em Nova York, fez mestrado em Arquitetura. Assina a maior parte de seus filmes como roteirista e diretor. Antes de *Madame Satã* (2002), dirigiu dois curtas-metragens: *Paixão Nacional* (1996) e *Seams* (1993). Após o sucesso do seu primeiro longa-metragem, trabalhou como diretor na série televisiva *Alice* (2008); nos filmes: *O céu de Suely* (2006); *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009); *Alice: O primeiro dia do resto de minha vida* (2010); *Sunnylane* (2011); *O Abismo Prateado* (2011); *Venice 70: Future Reloaded* (2013); no documentário *Praia do Futuro* (2014), entre outros.

<sup>5</sup>Luis Lázaro Sacramento Ramos nasceu em 1978, é um ator, cineasta brasileiro. O ator foi indicado ao Emmy (2007) de melhor ator pela interpretação na novela *Cobras & Lagartos*, como Foguinho. Desde 2002, na televisão, participou em mais de 20 obras, entre novelas, séries e outros programas da TV Globo. No cinema, atua desde 1995 e teve quase 30 trabalhos, os últimos deles como protagonista. E até 2007 atuou também no teatro.

buscando, de certa forma, retomar sua vida artística como a Mulata do Balacochê<sup>6</sup>. Dentro de sua casa, em um lar não tradicional, João é, por vezes, autoritário; fora, ele responde à discriminação que vivencia com violência. Além disso, o protagonista se envolve sexual e afetivamente com Renatinho (Felipe Marques<sup>7</sup>). Na trama, Marcélia Cartaxo<sup>8</sup> interpreta Laurita, prostituta e mãe de Firmina, moradora da Lapa, junto com João e Tabu (Flávio Bauraqui<sup>9</sup>). Este, homossexual, negro, efeminado e pobre que, para ajudar na casa, além de se prostituir, presta serviços como lavar e passar roupas aos moradores do bairro. Vitória dos Anjos (Renata Sorrah<sup>10</sup>) é a mulher de Gregório (Floriano Peixoto<sup>11</sup>), o proprietário do Cabaré Lux, onde Satã trabalha e Vitória faz suas apresentações artísticas. Um dia, após sofrer humilhações por parte, principalmente, de Vitória, Satã responde violentamente e vai conversar com Gregório, entrando em conflito com o patrão. Ele se demite e exige o pagamento de seu salário que está atrasado há meses. Após esse episódio, Satã é abordado pela polícia em sua casa após acusações de Vitória e Gregório de que ele havia roubado o Cabaré Lux. Uns dos núcleos principais da trama é o bar e restaurante Danúbio Azul, localizado na Lapa, cujo proprietário é Amador (Emiliano Queiroz<sup>12</sup>), um amigo de João. O Danúbio se torna, então, palco de seus espetáculos artísticos, e onde nasce Jamacy (entidade da floresta da Tijuca).

Madame Satã recebeu cerca de 20 prêmios, alguns deles em importantes festivais internacionais como o Festival de Cinema de Havana (Prêmio Especial do Júri para Melhor Primeiro Trabalho), o Festival Internacional de Filme de Chicago (Melhor Filme), a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (Melhor Ator, Lázaro Ramos e Melhor Diretor, Karim Aïnouz), o Grande Prêmio BR do Cinema Brasileiro (Melhor ator, Lázaro Ramos, melhor atriz, Marcélia Cartaxo, melhor Direção de Arte, melhor figurino

<sup>6</sup> Performance como travesti de cabaré. Ficou conhecida por esse nome, sobretudo, por cantar o samba “Mulher de besteira”. João não se travestia cotidianamente, somente nas apresentações.

<sup>7</sup> Ator brasileiro, atuou em *Era uma Vez* (1998, TV series) como Fininho; *Madame Satã*, *Capital Circulante* (2004, Curta) e *Por Toda a minha vida: As Frenéticas* (2011).

<sup>8</sup> Atriz brasileira, seu primeiro trabalho foi como Macabéa em *A Hora da Estrela* (1985)

<sup>9</sup> Seu primeiro trabalho como ator foi em *Madame Satã* (2002). Participações em séries de TV e telenovelas. Atuou em outros filmes (longas e curtas) brasileiros, entre eles, *Quase dois irmãos* (2004), *Cafundó* (2005), *Zuzu Angel* (2006), *O céu de Suely* (2006), *Cheiro do Ralo* (2006) entre outros.

<sup>10</sup> Atriz brasileira desde 1968, conhecida por atuar em séries, minisséries e, principalmente, nas telenovelas da Rede Globo. Conhecida pelas telenovelas *Dois Caras* (2007) e *Senhora do Destino* (2004).

<sup>11</sup> Sua carreira como ator começa na década de 1990 com participação, sobretudo, em novelas.

<sup>12</sup> Ator brasileiro nascido em 1936. Trabalhou em várias telenovelas e em filmes. Inaugurou a TV Ceará, passou por outras emissoras até chegar na Rede Globo. Escreveu “Anastácia, a mulher sem destino” a convite de Glória Magadan.

e melhor Maquiagem), e o Festival Internacional de Cine Independiente, na Argentina (Menção Especial).

Para uma melhor compreensão acerca das temáticas e temporalidades escolhidas, voltamo-nos à compreensão da relação história/cinema por meio da bibliografia específica sobre João/Madame Satã, as homossexualidades no Brasil, a Imprensa e a Lapa. Sendo assim, foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito das homossexualidades no Brasil, além de um levantamento documental, a partir da palavra-chave “Madame Satã”, no acervo virtual dos respectivos jornais: Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil e O Globo. A realização de uma pesquisa no acervo virtual do site do Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fez-se necessária devido à quantidade considerável de revistas disponíveis no acervo do sítio eletrônico, entre as quais: Estudos Feministas; Cadernos Pagu; Caderno Espaço Feminino; Revista Gênero; Revista Feminismos; Labrys; Revista Ártemis; Revista Latino-americana de Geografia e Gênero; Revista Matria e Cuadernos del Área Género, Sociedad y Políticas – FLACSO Argentina; assim como no banco virtual de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES). Após a seleção dos documentos a partir dos locais supracitados, buscamos realizar uma pesquisa da bibliografia específica sobre Madame Satã, ao que encontramos: “As múltiplas faces de Madame Satã: Estética e políticas do corpo” (2013); “Madame Satã: com o diabo no corpo” (2005), este contendo duas edições: uma de 1985 e outra lançada anos após o sucesso do filme; “O rei da Lapa: Madame satã e a malandragem Carioca” (2004), dissertação de mestrado que, anos depois, virou livro; “Memórias de Madame Satã” (1972), com narração do próprio Madame Satã para Sylvan Paezzo, e que, até o momento, possui apenas uma edição; “A arte da entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias” (1995), entrevista por Sergio Cabral, P. Francis, Millôr, Chico Jr., P Garcez, Jaguar e Fortuna com Madame Satã para o jornal O Pasquim; e “Lapa do desterro e do desvario – uma antologia” obra selecionada por causa do conto “A rainha Lapa morreu antes de El-Rei D. Sebastião” (1976), de Mário Lago, publicado nesta antologia.

Todavia, com o intuito de apresentar e compreender como esse sujeito, devido as suas diversas características, foi explanado pelos jornais, priorizarei as notícias a respeito de João Francisco dos Santos/Madame Satã retiradas dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, as entrevistas do jornal *O Pasquim* e sua autobiografia.



## João para alguns.

“a minha querida Lapa...”

João Francisco dos Santos, Memórias de Madame Satã (1972)

Um dentre os 18 filhos de Dona Firmina, negro, descendente de nordestinos e escravos, como muitos na primeira metade do século XX, João<sup>13</sup> vai forçado para o Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, em busca de melhores oportunidades. De acordo com sua biografia, e como afirma em entrevista, ele foi para o Rio de Janeiro com um conhecido da família, o senhor Laureano, após ter sido trocado por uma égua<sup>14</sup>.



João Francisco dos Santos/  
Madame Satã (1900-1976)

Chegando ao seu destino, João foi forçado a trabalhar: “Estava escravo dele por uns seis meses quando fomos até a cidade de Itabaiana vender cavalos”; nessa oportunidade, João fugiu para morar com dona Beatriz Mocinha Costa, a quem ele chamava de dona Felicidade, e teve seu primeiro contato com a Lapa.

O desrespeito e a discriminação por ser negro começaram desde cedo. No que diz respeito à dona Felicidade e Laureano, João declara que: “é que pra ele eu tocava e tomava conta dos cavalos o dia inteiro e para ela eu lavava os pratos e lavava a cozinha e carregava as marmitas e fazia compras no Mercado. Também o dia inteiro. E não tinha folga. E não ganhava nada. Era escravo do mesmo jeito”<sup>15</sup>.

Os negros descendentes de escravos, em uma época posterior à abolição do trabalho escravo, não eram - como ainda não o são, de fato - aceitos socialmente. No que

<sup>13</sup> João Francisco dos Santos/Madame Satã possuiu vários apelidos e nomes falsos. Sobretudo para poder fugir da polícia que não o conhecia, para se proteger de não ser preso por aplicar o golpe do suadouro e evitar maiores problemas. Também ficou conhecido como Caranguejo das Praias da Virtude, Entabajá, Jamacy, João Braz da Silva entre outros. Mas foi em uma apresentação artística que seu primeiro nome de outro gênero, antes de darem o nome de Madame Satã, surgiu, a Mulata do Balacochê.

<sup>14</sup> PAEZZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Lidado, 1972, p.7

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 9.

se refere ao tratamento dispensado a estas pessoas, que por muito tempo foram tidas como abjetas, desconsiderando sua humanidade.

Aos 13 anos de idade, percebendo que mesmo em outro lar o tratamento dispensado a ele era o mesmo, João passou a morar nas ruas da Lapa, dormindo nas escadas dos sobrados e pensões. E foi neste bairro que ele viveu a primeira metade de sua vida, onde aprendeu a sobreviver e a ser malandro. Era uma época de difícil acesso a empregos, principalmente para um sujeito pobre e negro; sem estudo, João realizava pequenos trabalhos como mensageiro e servia cafés.

Na rua, sem família, sem estudo, e sem trabalho, ele aprendeu rapidamente como a vida funcionava para ele. João teve contato com aquele que ele julgava ser o maior malandro da Lapa: o Sete Coroas, e através da “arte da malandragem”, João sobreviveu a esse local inóspito. Não é de se estranhar que ele tenha sido preso inúmeras vezes; na verdade, ele passou mais de três quartos da sua vida encarcerado e sofreu perseguição da polícia. Atrás das grades, principalmente no Presídio da Ilha Grande/RJ<sup>16</sup>, ele passou 27 anos e oito meses, respondeu a mais de 29 processos - foi absolvido em 19 deles - e teve

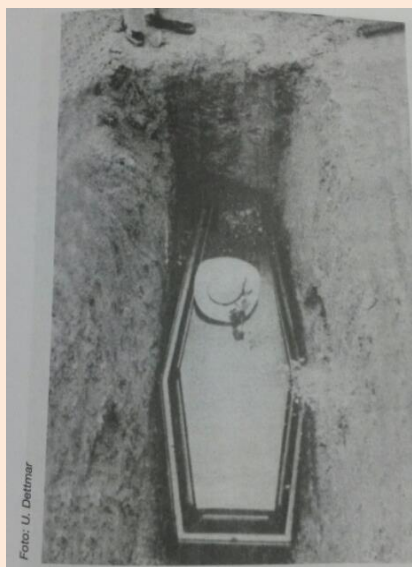


Imagem retirada do livro de Rogério Drust “Madame Satã com o diabo no corpo”

10 condenações: três por homicídios e várias por agressões. Ademais, João se envolveu em incontáveis brigas pois possuía um temperamento forte e agressivo. Ele afirmava que gostava de brigar, principalmente quando presenciava um ato de covardia ou quando ele próprio era vítima de algum tipo de discriminação<sup>17</sup>.

A partir da segunda metade do século XX, João precisou ficar longe da sua “querida Lapa”. Cansado da discriminação, de ser preso, de brigar com fardados, e em busca de tranquilidade, ele se muda para Ilha Grande/RJ - o mesmo local do presídio onde passa quase 28 anos trancafiado – e

<sup>16</sup>Para conhecer algo sobre o Presídio ver “Presídio da Ilha Grande” em <<https://www.youtube.com/watch?v=P7Ixf1BuwfY>>e <<https://www.youtube.com/watch?v=8lVTE9tD0bo>>, com o repórter Wanderley Moreira e o repórter cinematográfico Johnson Gouvêa.

<sup>17</sup> ALTMAN, Fábio. *A arte da entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 356, 358 e 359.



lá, João se casa no papel com uma mulher e cria 6 filhos adotivos.

De acordo com notícias, João estava hospitalizado quando completou seus 75 anos, em 25 de fevereiro de 1976. No dia 21 de Fevereiro, “em Angra dos Reis/RJ foi internado no Hospital Maternidade Codrato de Vilhena”<sup>19</sup>, e faleceu no mesmo ano, aproximadamente dois meses após sua internação. Sua morte chega e seu último desejo é atendido: ser sepultado em Ilha Grande<sup>20</sup>.

## Safã para uns.

Já falei pra você, que malandro não vacila  
 Malandro não cai, nem escorrega  
 Malandro não dorme nem cochila  
 Malandro não carrega embrulho  
 E também não entra em fila  
 Émas um bom malandro  
 Ele tem hora pra falar gíria  
 Só fala verdade, não fala mentira  
 Você pode acreditar  
 Eu conheço uma pá de otário  
 Metido a malandro que anda gingando  
 Crente que tá abafando, e só aprendeu a falar:  
 Como é que é? Como é que tá?

<sup>18</sup> Em suas memórias e nas entrevistas disse que nasceu junto com o século, ou seja, 1900, sabemos que as datas e muito do que se encontra sobre a personagem-título é confusa e, por vezes, contraditórias. Meses após sua morte o mesmo jornal diz que Satã tem 76 anos.

<sup>19</sup> “MADAME SATÃ” NO hospital em Angra virá para o Rio. *O Globo*, Matutina, Rio, p. 8. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760221>> Acesso em: 23 de Agosto de 2015.

<sup>20</sup> AOS 76 ANOS morre no Rio Madame Satã. *O Globo*. Matutina, Primeira Página, 13 de abril de 1976, p. 1. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760412>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015; MORRE MADAME SATÃ, no hospital de Ipanema. *O Globo*. Matutina, Rio, 13 de abril de 1976, p. 11. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760412>>. Consultado em: 22 de Agosto de 2015; SEPULTAMENTO DE “MADAME SATÃ SERÁ HOJE, na Ilha Grande. *O Globo*. Matutina, Rio. 14 de abril de 1976, p. 14 Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760414>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015; “MADAME SATÃ” SEPULTADO, de branco, na Ilha Grande. *O Globo*. Matutina, Rio, 15 de abril de 1976, p. 12. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760415>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015; MORREU “MADAME SATÃ” o ultimo malandro. *Folha de S. Paulo*. Primeiro caderno, 13 de abril de 1976, p. 25. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1976/04/13/2//4237770>>. Consultado em: 8 de Março de 2015; MADAME SATÃ, valente demais para morrer na mão de covarde. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, 14 de abril de 1976, p.1. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1976/04/14/21>>. Consultado em: 20 março de 2015; e; O SEPULTAMENTO DE “MADAME SATÃ”. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, 16 de abril de 1976, p. 6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1976/04/16/21>>. Consultado em: 20 de março de 2015.

É na primeira metade do século XX que a figura do malandro da Lapa, no Rio de Janeiro, entra em evidência. Percebe-se, então, o auge da malandragem, que também é o de João, e através da seguinte afirmação podemos inferir o motivo pelo qual Madame Satã está vinculado à imagem do malandro: “Malandro vem do italiano *malandrino*, que significa sujeito brigão, intrometido, o que na gíria quer dizer o *compra-brigas*”<sup>21</sup>. Todavia, a malandragem está diretamente relacionada ao gênero masculino e todo estereótipo histórico construído deste gênero como, por exemplo, homem viril e heterossexual.

Tentaremos compreender e esclarecer questões como ‘o que é ser malandro no Brasil na primeira metade do século XX’, e ‘por que determinado malandro recebe maior visibilidade’. Para tal entendimento utilizaremos, em especial, a obra “O rei da Lapa – Madame Satã e a malandragem carioca”, pois esta relaciona diretamente a malandragem e Madame Satã, assim como algumas matérias do *Folha de São Paulo* e *O Globo*.

As possibilidades de sobrevivência eram poucas e a malandragem lhe serviu muito bem. Em entrevista ao *Pasquim*, ao ser questionado por Sérgio sobre quem teria sido o maior malandro do Rio de Janeiro, Satã afirma que

o maior malandro do Rio de Janeiro que eu conheci de 1907 até a época de hoje foi o que me ensinou a ser malandro e me conheceu com 9 anos de idade, foi o falecido Sete Coroas, que morreu em 1923. Quando ele morreu já me deixou como substituto dele, na Saúde e na Lapa.<sup>22</sup>

Madame Satã, antes mesmo de sua adolescência, aprendeu com o malandro que ele considerou o maior da Lapa: o Sete Coroas<sup>23</sup>, e após a morte deste, quando já possuía

<sup>21</sup>ROCHA, Gilmar. *O rei da Lapa: Madame Satã e a malandragem carioca*. Rio de Janeiro, 7letras, 2004, p. 46.

<sup>22</sup>ALTMAN, Fábio. *A arte da entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias*. São Paulo: Scritta, 1ª ed. 1995, p. 368.

<sup>23</sup>Sete Coroas foi tema de um samba no carnaval (1922) título da música Sete Coroa: É noite escura/ Iaiá acende a vela/ Sete Coroas/ bam-bam-bam lá da Favela/ E a polícia/ Já tonteou/ Sete Coroas/ Meia dúzia já matou/ E o homenzinho/ É perigoso/ Sete Coroas/ Nasceu no Barroso. Para conhecer mais sobre o Sete Coroas ver: MATTOS, Romulo Costa. *A construção da memória sobre Sete Coroas, o “criminoso” mais famoso da Primeira República. Anais do XV encontro regional de história da Anpuh-Rio*, ISBN 978-85-65957-00-7 Disponível em: [http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338512062\\_ARQUIVO\\_SETECOROAS.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338512062_ARQUIVO_SETECOROAS.pdf). Consultado em: 20 de Junho de 2015.

certa experiência no ofício, João toma seu lugar. No que diz respeito ao o que é ser malandro, de acordo com o próprio Satã:

Malandro naquele tempo não queria dizer exatamente o que quer dizer hoje. Malandro era quem acompanhava as serenatas e frequentava os botequins e cabarés e não corria de briga mesmo quando era contra a polícia. E não entregava o outro. E respeitava o outro. E cada um usava a sua navalha cuja melhor era a sueca que custava 1.500 réis.<sup>24</sup>

A defesa do malandro era seu corpo, seu gingado de capoeira, sua navalha no bolso, suas pernas e seus punhos. Malandro não usava arma de fogo, não era covarde e não pegava o outro pelas costas. Sendo assim, muitos dos que se consideravam malandros, não o eram, segundo Satã, visto que malandro de verdade deveria respeitar o outro e, sobretudo, deveria proteger quem precisasse - mesmo se fosse a polícia. Desta forma, os malandros exerciam certo tipo de poder que era encarado pelas autoridades como problema, pois quem deveria exercer o poder era a polícia, não um sujeito que, além de tudo, era pobre.

Contrariando a imagem romantizada do malandro como quem ginga para conquistar mulheres, é galanteador, astuto, esperto e excelente jogador, Satã é descrito pelos jornais analisados, na maioria das vezes, como valente, brigão e malandro: “o lendário, o malandro, o homossexual, o violento Madame Satã”<sup>25</sup>, “malandro homossexual e valentão”<sup>26</sup>, “talvez o maior malandro que o Rio já conheceu”<sup>27</sup>, “ele foi talvez, o mais célebre de todos os malandros-boêmios da velha Lapa”<sup>28</sup>, e mesmo após a sua morte, ele continua vinculado à imagem do malandro-valente e homossexual.

<sup>24</sup> PAZZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Lidado, 1972, p. 17.

<sup>25</sup> O sepultamento de Madame Satã. Folha de S. Paulo. São Paulo. Ilustrada, 16.04.1976, p. 6

<sup>26</sup> DURST, Rogério. Aquele malandro que viveu para contar. *O Globo*, Matutino, Segundo Caderno, 24 de Dezembro de 1995, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019951224>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

<sup>27</sup> GIGLIOTTI, Marcel. Madame Satã, principal personagem da boêmia. *O Globo*. Matutina, Jornais de Bairro, 20 de Dezembro de 1988, p. 28. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=198019881220>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

<sup>28</sup> MORRE MADAME SATÃ, no hospital de Ipanema. *O Globo*. Matutina, Rio, 13 de abril de 1976, p. 11. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019760412>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

Ademais, podemos notar a influência que a figura do malandro exerceu sobre a música, dando ao malandro maior visibilidade, e colaborando com uma imagem menos marginalizada dele. Dentre as canções que abordam a malandragem temos: “Malandro não vacila”<sup>29</sup> - que serve de epígrafe para presente parte do texto - de Bezerra da Silva; “Lenço no pescoço” (1930), de Wilson Batista; “Rapaz Folgado” (1932), “Mulato Bamba” e “Malandro Medroso”, de Noel Rosa; “Rapaz do Bem” (1953), de Johnny Alf; “Homenagem ao Malandro”, de Chico Buarque; dentre tantas outras. Embora o malandro seja representado de maneiras um tanto distintas em cada uma destas músicas, em linhas gerais, o malandro não possui emprego fixo, tem gingado de capoeira e navalha no bolso.



João Francisco dos Santos/Madame Satã. Disponível em: [http://4.bp.blogspot.com/\\_ejpGsO11wbc/Req5RzQoFHI/AAAAAAAAABck/39cCdKKs2O4/s320/MADAME.JPG](http://4.bp.blogspot.com/_ejpGsO11wbc/Req5RzQoFHI/AAAAAAAAABck/39cCdKKs2O4/s320/MADAME.JPG)

“Com a abolição dos escravos e a Proclamação da República, será redobrada a vigilância policial sobre o mundo da desordem”<sup>30</sup>, sobretudo após o projeto civilizatório e de desenvolvimento implantado no governo de Getúlio Vargas. O “mundo da desordem”, neste caso, a Lapa, e os extratos sociais mais baixos. Tal projeto civilizatório implantado na República fez com que a polícia assumisse a função de civilizar os ambientes considerados como área de risco, desta maneira, “o meganha (na gíria, o soldado de polícia) é a própria representação, em carne e osso, da arbitrariedade policial sobre a população pobre da cidade”<sup>31</sup>.

Obviamente a relação da malandragem com a polícia não era das mais tranquilas, pois malandro não possuía emprego fixo, apesar de sempre “dar um jeitinho” de conseguir dinheiro – o “jeitinho” mais popular utilizado para roubar era conhecido como

<sup>29</sup>Bezerra da Silva - Malandro não vacila - Já falei pra você, que malandro não vacila/ Já falei pra você, que malandro não vacila/ Malandro não cai, nem escorrega/ Malandro não dorme nem cochila/ Malandro não carrega embrulho/ E também não entra em fila/ É mas um bom malandro/ Ele tem hora pra falar gíria/ Só fala verdade, não fala mentira/ Você pode acreditar/ Eu conheço uma pá de otário/ Metido a malandro que anda gingando/ Crente que tá abafando, e só aprendeu a falar:/Como é que é? Como é que tá?

<sup>30</sup>ROCHA, Gilmar. *O rei da Lapa: Madame Satã e a malandragem carioca*. Rio de Janeiro, 7letras, 2004, p. 50.

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, p. 52.

golpe do “suadouro”<sup>32</sup>. Conseqüentemente, as camadas populares da sociedade sofreram um impacto muito forte em seu cotidiano. Exemplo disso é a figura do malandro, aqui em especial a de Madame Satã: com o processo de modernização, as ideologias do Estado Novo, a higienização de bairros importantes - como a Lapa - visando ao desenvolvimento do Rio de Janeiro, a imagem de um sujeito preguiçoso precisava ser modificada; era necessário padronizar e normatizar tais sujeitos, transformar a imagem negativa na de um sujeito tranquilo e trabalhador.

Sobre a abordagem que essas pessoas recebiam da Polícia Especial (PE)<sup>33</sup>, Satã conta, em suas memórias que, diversas vezes, devido a intervenções violentas por parte da PE, ele confrontou a tropa da polícia. Madame Satã entendia que os policiais não deveriam cometer injustiças com os cidadãos e, ao invés disso, deveriam protegê-los, mas tinha consciência de que isso não acontecia por causa da sua condição de sujeito, o que despertava nele ódio contra os policiais.

Acerca da discriminação contra Satã por parte da polícia, uma nota no jornal O Globo intitulada “Madame Satã mata um guarda”, de 1951, evidencia o pensamento das autoridades a respeito do malandro:

Soube, também, de uma aventura de “Madame Satã”. Quem não o conhece? É um negro atarracado, ex-terror da Lapa, um invertido. Quis submeter um guarda aos seus caprichos. Como o policial recusasse, “Madame Satã” matou-o. Hoje está na Ilha Grande, condenado a 90 anos. “Satã”, não tenham dúvida, matará sempre que surja oportunidade. E, como ele, existem centenas de outros criminosos no Presídio na Penitenciária, na Ilha Grande, que nunca serão recuperados. O que fazer com eles? Permitir que volte à sociedade para repetir seus crimes? Para recuperar os que ainda podem ser aproveitados, pouco se faz no Presídio. Nem mesmo a chamada terapêutica ocupacional é empregada corretamente. Os homens deixam a prisão sem acusar mudanças na personalidade ou de tendências. Como egressos do Presídio, tornam-se um perigo para a vida social e descambam para a qualidade de irrecuperáveis.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> O golpe do suadouro consistia em levar o cliente (vítima) para o quarto, tirar a roupa dele e deixá-la em um banco ao lado da porta em um quarto escuro. Seu parceiro pegava os pertences da vítima e saía.

<sup>33</sup> Em 1932, Getúlio Vargas instala uma divisão da Polícia Civil no Distrito Federal (Rio de Janeiro) e cria a Polícia Especial (PE). Ela era como uma força de choque, treinada e aparelhada para enfrentar distúrbios populares.

<sup>34</sup> LIMA, Vinicius. Madame Satã mata um guarda. *O Globo*. Matutina Geral, 01 de Novembro de 1951, p. 5. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=195019511101>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

Madame era um sujeito negro, alto e vistoso. Conhecido por seu soco, era difícil ser derrubado e possuía todas as características necessárias para ser um ilustre malandro. Violento, era o terror de quem o enfrentava. Na nota acima, o guarda é colocado como vítima, obviamente, porque Satã era considerado um invertido, ou seja, um anormal; era ele, única e exclusivamente, o responsável pela morte. O discurso do jornal, sem apresentar relatos, coloca Madame Satã como precursor do crime, pois o guarda se recusou a ceder sexualmente a Satã. Outra questão apresentada: o que fazer com os sujeitos que foram presos? Não havendo possibilidade de reintegração social, pois além de pobres, agora são ex-presidiários, afirmavam, ainda mais, a sua posição à margem.

Madame Satã, além de malandro-valente, possuía outra característica que chamava a atenção das pessoas e das autoridades: ele era homossexual, um invertido - como era denominado na época, homossexualismo.

## **Madame para outros.**

Eu era porque queria, mas não deixava de ser homem por causa disso.

João, Memórias de Madame Satã (1972)

A ideia de malandro era de um sujeito viril e heterossexual, porém, Madame Satã era, além de um inegável malandro, também homossexual. Essa era a maior característica que o distinguia dos demais malandros da Lapa, dado que a imagem do homossexual masculino era vinculada a de um sujeito que possuía o falo, mas adotava características do gênero feminino, ou seja, a ideia de “homossexualismo”<sup>35</sup> masculino era pautada no binarismo de gênero, pois esses sujeitos se diferenciavam dos demais de seu gênero, e eram colocados em oposição ao masculino. Aqueles que eram penetrados - ou invertidos - eram considerados inferiores por estarem em oposição, de acordo com seu sexo biológico.

---

<sup>35</sup> No começo do século XX ocorreu uma tentativa, principalmente por parte médico-legal, de retirar os homossexuais da prisão e colocá-los como doentes, ou seja, não seriam mais considerados criminosos, dignos de punição com encarceramento, pois eles entendiam que esses sujeitos precisariam de cuidados para ajuste de conduta, tratamento e/ou cirurgia para voltarem a “normalidade”.



Além disso, Satã, por estar em oposição ao masculino, deveria ser submisso. O que, mais uma vez, o distinguia, uma vez que ele respondia na base da violência. De acordo com relatos, Madame partia para a briga: ele brigou com bêbados, policiais e até com a tropa de choque.

Mas o que devia fazer? Tornar-me um covarde só para satisfazer as pessoas deles? Deixar que fizessem comigo o que faziam com as outras bichas que viviam apanhando e eram presas todas as semanas só porque os policiais achavam que as bichas deviam apanhar e fazer a limpeza de todos os distritos? E de graça. Não, eu não podia me conformar com a situação vexatória que era aquela. E achava que ser bicha era uma coisa que não tinha nada demais. Eu era porque queria mas não deixava de ser homem por causa disso.<sup>36</sup>

No século XX, as batidas policiais nas “bichas” eram frequentes. Tais indivíduos, quando saíam à rua, estavam no limiar de sua segurança, visto que estavam à mercê dos mandos e desmandos da polícia, mesmo dentro dos bares, homossexuais sofriam e eram abordados violentamente. Um exemplo importante que revela que este tipo de abordagem não ocorria apenas no Brasil, é a revolta de *Stonewall*<sup>37</sup> no bairro Greenwich Village, nos EUA, no final da década de 1960: cansados de sofrerem batidas policiais no bar, seus frequentadores confrontaram a polícia. Isso posto, não se trata de um caso isolado, mas de um *zeitgeist* da época a respeito das sexualidades divergentes.

De volta à Lapa, tal situação era ainda mais complicada para um sujeito que enfrenta os policiais, o que acarretou em perseguição, visto que as autoridades não aceitariam ser rebaixadas por um alguém considerado por eles como inferior, alguém que precisava de represália, de “adestramento”. Por esse motivo, Madame passou mais que um terço da sua vida atrás da grades.

A discriminação sofrida por Madame Satã ia muito além: ele era negro, pobre, homossexual e malandro, e tais características interseccionais reafirmavam seu lugar à margem. Seu corpo possuía uma multiplicidade complexa de fatores que o diferenciavam em cada ambiente, e isso dificultava ainda mais seu relacionamento com a sociedade

<sup>36</sup> PAEZZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Lidado, 1972, p. 115.

<sup>37</sup> Atualmente a revolta de Stonewall é considerada um marco importante do movimento LGBT, na luta por seus direitos.

hegemônica e seus mecanismos de repressão. Satã não era normatizado ou possuía um padrão fixo; seu corpo estava em uma zona de fronteira, no “entre-lugar”<sup>38</sup>.

Contudo, tal complexidade não era, de todo, negativa. No território onde vivia, isso poderia lhe ser benéfico; por exemplo, para conseguir um emprego: “seu domínio sobre a malandragem do bairro. Seu ganha-pão era dar proteção aos bares e cabarés”<sup>39</sup>. A figura do temido malandro se sobressaía sobre as demais; sua fama de valente, destemido e brigão era não somente positiva como aceita, uma vez que, onde ele estivesse como segurança, não havia brigas, pois sua presença mantinha o local tranquilo, as pessoas se sentiam seguras, e mesmo se alguém começasse a provocar qualquer distúrbio, era logo contido por ele.

Ainda, a mesma fama de malandro-valente-homossexual lhe rendia, além de conflito e perseguição da polícia, conflitos com outros malandros que se achavam homens o bastante para enfrentar Madame. Tido como uma ameaça à virilidade do gênero masculino, alguns malandros não aceitavam, porém, ao entrar em conflito com ele saíam na pior.

João se afirmava como bicha e dizia não ver problema nisso, mas, de certo modo, ele se contradiz quando declara:

E também não andava na rua vestido de mulher como falaram muito porque eu sempre peguei criança dos outros para criar e não ia fazer isso com as crianças. Crianças que eu amei e amo e não se dá má impressão para as pessoas que a gente ama. Por isso não andava vestido de mulher. Quando eu tinha um caso com alguém e esse alguém ia morar na minha casa, ficava sempre dormindo na sala e era apresentado para a criança como amigo e não fazíamos nada no nosso lar.<sup>40</sup>

Se ele não via problema, por que escondia socialmente uma de suas performances? Compreendemos que, mesmo se afirmando como “bicha”, ele demonstrava um impasse quando escondia sua performance das pessoas do seu

<sup>38</sup>Ver ARANTES, José Estevão Rocha. Vivendo no entre-lugar: raça e homossexualidade na construção de identidades. p. 355 a 367. In: COSTA, Horácio et al (org). **Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo, Editora da USP, 2010.

<sup>39</sup>GIGLIOTTI, Marcelo. Madame Satã, principal personagem da boêmia. **O Globo**, Matutina, Jornais de Bairro, 20 de dezembro de 1988, p. 28. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=198019881220>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

<sup>40</sup>PAEZZO, Sylvan. **Memórias de Madame Satã**. Rio de Janeiro: Lidado, 1972, p. 115.

cotidiano, dentro de sua casa. Já na rua, no seu cotidiano, Satã se mostrava mais como malandro, a performance que lhe propiciava maior segurança. Além disso, Satã

chegou a brilhar no teatro de revistas da Praça Tiradentes e se apresentava travestido de Carmem Miranda no antigo Teatro Casa de Caboclo. - Ele foi o primeiro artista travestido do Brasil – arrisca Paulo [a matéria fala que Paulo Roberto Pires estava realizando uma pesquisa para a Funarte, intitulada ‘Nos passos de Satã – O olhar do malandro’].Nessa época, ganhou outro apelido: Mulata do Balacochê. Homossexual assumido, Satã era muito bom de briga. Contam que chegava a espantar batalhões de choque da Polícia com seus golpes de capoeira”<sup>41</sup>

A respeito dos jornais de sua época, Satã disse:

Sabem o que era no duro? Eu vendia muito jornal. Tinha a popularidade de um grande jogador de futebol e sempre que podiam inventar alguma coisa inventavam mesmo e botavam nas primeiras páginas porque sabiam que iam vender muito jornal.<sup>42</sup>

Muito se conta, fala-se, constrói-se sobre o corpo marginal de João Francisco dos Santos. Muito se fala sobre sua história de vida e não sabemos onde termina o real e começa o mito; muitas vezes eles se mesclam. O próprio Karim diz “não vejo como contar a verdade sobre um personagem tão mentiroso”. João continua sendo construído e reconstruído, seja pelos meios de comunicação ou por pesquisadores. É difícil distinguir mito de verdade, pois como disse Drust, “quando a lenda é mais poderosa que a realidade, publica-se a lenda”<sup>43</sup>.

O nome Madame Satã, que virou mito, foi vinculado e perpetuado à sua pessoa pois, como conta em suas memórias e relembra em entrevista cedida ao jornal *O Pasquim*, esse apelido lhe foi atribuído “por causa de um concurso de fantasias do carnaval que ele

<sup>41</sup> GIGLIOTTI, Marcelo. Madame Satã, principal personagem da boêmia. *O Globo*, Matutina, Jornais de Bairro, 20 de dezembro de 1988, p. 28. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=198019881220>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

<sup>42</sup> PAEZZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Lidado, 1972, p. 115.

<sup>43</sup> DURST, Rogério. Aquele malandro que viveu para contar. *O Globo*, Matutino, Segundo Caderno, 24 de Dezembro de 1995, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019951224>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

ganhou em 1938, no bloco Caçadores de Veados. Após ser preso, tempos depois, quando foi abordado e levado à delegacia junto a outras bichas, o delegado o reconheceu como ganhador daquele concurso e lembrou que a fantasia dele parecia com a do filme *Madam Satan* e lhe deu esse apelido, que se espalhou rapidamente entre os moradores da Lapa e suas imediações<sup>44</sup>. O filme, caracterizado como musical, romance, e comédia, ao qual o delegado fez referência<sup>45</sup> é dirigido por Cecil B. DeMille, e foi lançado em 1930.



Pôster do filme *Madam Satan* (1930), de Cecil B. de Milles.

## Satã, João ou Madame: um corpo marginal

João Francisco dos Santos não passou despercebido na história da Lapa nas primeiras décadas do século XX. Viveu em um momento no qual o país passava por forte repressão, durante o Governo de Getúlio Vargas. Na segunda metade da década de 1930, o Congresso Nacional foi fechado e instalado o Estado Novo, passando o presidente a governar de forma ditatorial. Também foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que exercia a função de censura e controle de qualquer tipo de manifestação que fosse contrária ao governo, perseguição a políticos da oposição e pessoas tidas como desordeiras. Também foi criada uma divisão na Polícia - a Polícia Especial (PE) –destinada à repressão das áreas de risco, e, segundo relatos, foi a que mais perseguiu Madame Satã: ora por ser malandro-vagabundo ou malandro-valente, ora por sua homossexualidade.

Foram poucas as vezes em que João andou travestido no dia a dia, pois ele se preocupava com que os outros pensariam a respeito de um sujeito travestido de mulher

<sup>44</sup> PAEZZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Lidado, 1972.

<sup>45</sup>A história do filme é sobre a vingança de uma mulher que descobre as traições do marido. E em uma oportunidade em que seu marido vai a uma festa a fantasia em um dirigível ela se fantasia de diabo, sem seu marido saber, para seduzi-lo e se vingar dele.

pegando crianças para cuidar. Ele enfrentava forças externas de seu território (a Polícia Especial), mas também enfrentou gente da sua gente:

(...) acho que entendi o que acontecia comigo e os outros. **Eles não se conformavam com a minha valentia porque eu era homossexual conhecido.** Achavam que não podiam perder para mim e por isso estavam sempre querendo me provocar e me bater. Por outro lado, os jornais davam muito mais destaque para as minhas façanhas exatamente pelo mesmo motivo de eu ser homossexual.<sup>46</sup> (grifo nosso)

Além de brigas com a Polícia, João tinha que provar sua valentia ao enfrentar malandros que decidiam atacá-lo, aumentando, dentro e fora da Lapa, sua fama, e chamando ainda mais a atenção das autoridades e da população. Segundo o sociólogo José Estevão Rocha Arantes,

aqueles que vivenciam uma experiência que congrega a estigmatização pela orientação sexual e, ao mesmo tempo, pela posição racial, são de fato pessoas que contribuem para nossa reflexão sobre os modelos estabelecidos de normalidade e a partir de seus discursos-práticas, possibilitam a compreensão do quem vem a ser uma experiência de vida “no” entre-lugar.<sup>47</sup>

E Madame Satã foi um desses sujeitos que possuiu características marginais que se inter-relacionavam. Diversos fatores contribuíram para transformar João em uma figura marginal; elas não se somam para uma totalidade de preconceito e discriminação, mas, se inter-relacionam entre si. Podemos pensá-las como uma discriminação composta, ou seja, alternando-se a relação de multiplicidade: ora se destacando uma (ou mais), ora outra. “As experiências sociais de homens gays e negros, portanto duplamente sujeitos a uma negação de suas subjetividades, acentua suas posições subalternas na hierarquia social”.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> PAEZZO, Sylvan. *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro: Lido, 1972, p. 115.

<sup>47</sup> ARANTES, José Estevão Rocha. Vivendo no entre-lugares: raça e homossexualidade na construção de identidades. In: COSTA, Horácio et al (org). *Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo, Editora da USP, 2010, p. 356.

<sup>48</sup> Idem, *ibidem* p.360.

Portanto, acreditamos que João encontrou na vida artística um refúgio, visto que sempre buscava voltar para ela, afirmando que, em cima dos palcos, ele era livre para realizar seus desejos e suas vontades, se travestia e, ainda assim, era aceito pelas pessoas. Ele se protegia com o aprendizado da rua; a malandragem lhe conferiu segurança para sobreviver e resistir.

Esse célebre personagem da Lapa deixou registro em forma de autobiografia, processos criminais, mas também foi retratado em samba e bossa nova. Sua fama se deu, principalmente, devido a seu enfrentamento com a Polícia, suas brigas e por ser tão contraditório. Ele não se posicionava como vítima, ele enfrentou a discriminação sofrida por ele e por outros. Rogério Drust afirma que Madame Satã, “malandro homossexual e valentão – não ficou famoso por matar ou morrer e sim por sobreviver para contar sua história”.<sup>49</sup>

Ao mesmo tempo em que ele era multifacetado e contradizia a cultura hegemônica, João se conciliava com ela ao não andar cotidianamente travestido. Ele também foi pai de família, adotou seis crianças e se casou com uma mulher. Não conseguiu fama por ser artista, mas por ser homossexual-malandro, por pôr à prova os padrões de malandro e ser homossexual da época.

A imagem do malandro marcou a história do Rio de Janeiro, principalmente a história da velha Lapa boêmia, como podemos perceber através do campo da produção cultural. Seja na música, no teatro, nos carnavais, no cinema, o malandro ganhou fama e virou mito<sup>50</sup>:

---

<sup>49</sup> DURST, Rogério. Aquele malandro que viveu para contar. *O Globo*, Matutino, Segundo Caderno, 24 de Dezembro de 1995, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019951224>>. Consultado em: 23 de Agosto de 2015.

<sup>50</sup> Ver: ROCHA, Gilmar. A imagem do malandro. IN: \_\_\_\_\_. *O rei da Lapa - Madame Satã e a malandragem carioca*.



foi tema de filme, de peça teatral e de música, personagem de novela [Kananga do Japão, vivido por Jorge Lafond, na extinta TV Manchete], enredo de escola de Samba, personagem de revista em quadrinhos, além de dar nome a uma rádio comunitária carioca e a uma boate em São Paulo. Há também obras que não se dedicam inteiramente à Madame Satã, mas fazem menção a ele, como o conto de Mário Lago publicado em 1976, “A rainha da Lapa morreu antes de El-Rei Dom Sebastião”, e a apresentação da reedição de 1978 da coletânea *Antologia da Lapa*, de Gasparino Damata. Ao longo dos anos, Madame Satã se fará presente em diversos textos dedicados à memória da Lapa e à malandragem.<sup>51</sup>

Mas foi no ano de 2002 que essa figura notória ganhou visibilidade nacional e internacional, interpretado por Lázaro Ramos no filme de Karim Aïnouz.

---

<sup>51</sup> RODRIGUES. Geisa. *As múltiplas faces de Madame Satã: estética e política do corpo*. Niterói, Ed. UFF, 2013, p.167.